Editor: José Carlos Vieira (Cidades)
josecarlos.df@dabr.com.br e
Tels. : 3214-1119/3214-1113
Atendimento ao leitor: 3342-1000
cidades.df@dabr.com.br

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Vítima ou agressor: como se reconhecer?

O **Correio** usa questionário produzido pela Secretaria de Justiça com homens e mulheres, para saber se eles identificam os diferentes tipos e graus que a violência pode assumir nas relações afetivas

» ARTHUR DE SOUZA



Implementado em fevereiro deste ano, o "violentômetro" é uma ferramenta informativa utilizada como instrumento de prevenção à violência de gênero. Segundo a Secretaria de Justiça e Cidadania (Sejus) — responsável pela criação do "violentômetro" —, ele possibilita que as pessoas identifiquem e reconheçam os diferentes tipos e graus que a violência pode assumir nas relações íntimas de afeto. Usando o material como critério, o **Correio** foi às ruas do Distrito Federal e fez o teste, tanto com homens quanto com mulheres.

Seis aceitaram participar do questionário: três de cada gênero. Entre elas, todas apontaram condutas de violência contra a mulher, se reconhecendo como possível autor ou como vítima. Apenas uma mulher não se viu no contexto de violência doméstica, mas conseguiu identificar conhecidas que viveram situações listadas na ferramenta. Foi a estudante Emilly Dias, 21. Ela conta que teve apenas um relacionamento na vida, até o momento, mas que ele foi bastante tranquilo.

Sobre a amiga que sofreu abusos, Emilly recorda que ela chegou a mudar completamente o comportamento, deixando até de sair com o grupo de amizade, por conta do namorado. "Tentei alertá-la diversas vezes, mas o próprio namorado fazia a cabeça dela, dizendo que eu não era amiga de verdade, porque estava tentando separá-los", afirma. "Foi nesse momento que ela parou de falar comigo, acabou me enxergando como a inimiga", lamenta. Segundo ela, o casal se separou logo depois.

Traumas

Mesmo a primeira abordagem não sendo de uma mulher que tenha sofrido abuso, não foi difícil encontrar uma história de sofrimento. Antônia*, 21, lembra até hoje de seu primeiro namoro, que deixou marcas profundas. "Fiquei com uma pessoa durante um ano e só fui perceber os sinais de violência no final do relacionamento, que coincidiu com a época que entrei na faculdade e comecei a conhecer novas pessoas. Nesse momento, passamos a ter problemas", conta.

De acordo com ela, o primeiro sinal de que algo estava errado foi o ciúme excessivo. "A gente brigava por tudo: se eu curtisse a foto de alguém nas redes sociais ou o contrário; se eu começasse a seguir um homem ou o contrário. Eu não podia ter amigos", relata. A estudante confessa que foram as amigas quem abriram seus olhos para o relacionamento abusivo. "Acho que se dependesse somente de mim, talvez tivesse demorado um pouco mais para perceber", afirma. Antônia conta que ainda passou por um período em que recebia ligações e mensagens do ex-namorado. "Cheguei ao ponto de ter que bloquear. Ele dizia que ia mudar, mas ainda bem que não dei chance. Não me arrependo da minha decisão", desabafa.

Assim como ela, Angélica*, também de 21 anos, tem um relato de abuso sofrido no passado. Segundo a jovem, um de seus namorados da adolescência era bastante agressivo e chegava a socar portas e armários durante discussões. "Eu era muito nova, tinha 15 anos. Não sabia muita coisa sobre o que poderia representar uma violência ou relacionamento abusivo, mas achava o comportamento estranho", conta. Foi só depois que o namoro terminou — e ela entrou na faculdade —, que Angélica soube, de verdade, pelo que passou.

"Conheci alguns movimentos sociais e me inteirei sobre o feminismo. Foi a partir daí que percebi o que tinha vivido. Eu me senti muito mal quando descobri, mas foi um excelente alerta para mim", destaca. A partir daí, ela nunca mais se deixou viver um relacionamento abusivo. "Atualmente, estou namorando (um mês de relacionamento) e está tudo tranquilo. Não identifiquei nenhum tipo de perigo", ressalta Angélica.

Baixe aqui o Formulário Nacional de Avaliação de Risco, do Conselho Nacional de Justiça, que visa identificar os fatores que indicam o risco da mulher vir a sofrer qualquer forma de violência doméstica e/ou familiar

Violentômetro

PRESTE ATENÇÃO! — A violência está presente

- Chantagear
- Mentir/chantagear
- Ignorar
- Ciúmes excessivos
- Ofender/humilhar
- Intimidar/ameaçar
- Proibir/controlar

REAJA! — Denuncie e peça ajuda

- Destruir bens pessoais
- Machucar/agredir
- Empurrar
- Golpear
- Beliscar/arranhar
- Chutar

ALERTA! — Vida em perigo

- Confinar/prender
- Causar lesão corporal grave
- Ameaçar com armas/objetos
- Ameaçar de morte
- Abusar sexualmente
- Espancar

Fonte: Sejus

Olho nos sinais

Passando para o lado masculino da relação, a surpresa dos entrevistados reforça a necessidade de divulgação maciça dos temas abordados no "violentômetro" da Sejus. É mais comum do que se pode imaginar a quantidade de homens que não se reconhecem como autores de violência, por estarem inseridos numa sociedade que banaliza esse tipo de crime. É o caso de Paulo*, 46. Ao saber que insistir para ter relações com a companheira, mesmo quando ela não quer, é um tipo de abuso sexual, ele ficou espantado. "Sinceramente, não sabia disso, e admito que já cometi esse abuso", confessa. "Agora, com essa informação, sinto que é importante me policiar mais e buscar conhecimento para saber o que é ou não é violência contra a mulher", ressalta Paulo.

Colocando toda a sua sinceridade em jogo, ele afirma que, nas sua rodas de amigos, costuma escutar bastante casos de homens "reclamando" que a mulher não estava afim de sexo, mas insistiram mesmo assim. "Até então, considerava isso como normal. Mas agora, sabendo que isso é errado, vou passar essa informação para eles, para que isso não se repita mais", promete.

Outro que também se encaixa como possível autor de violência é Pedro*, 22. Dizendo que mentiu em algumas relações que teve na vida, ele mesmo se entende com essa possibilidade de cometer algum tipo de agressão, por mais que nunca tenha chegado a esse ponto. "O simples fato de ser homem, me faz reconhecer que é possível", admite. "Para evitar isso, costumo me colocar no lugar da mulher. Fiz isso antes e continuo fazendo no meu relacionamento atual", detalha Pedro.

Ele conta que, fora dos relacionamentos, foi bastante agressivo e, por causa disso, se controla ainda mais, para não fazer esse tipo de coisa dentro do seu namoro. "As brigas sempre ficam na conversa, mas quando percebo que pode evoluir para algo pior, por eu estar estressado, saio para dar uma volta ou peço espaço para a mulher", comenta. "Com isso, evito não só a violência, mas até mesmo a fala de um modo mais agressivo, o que já é algo ruim", ressalta.

Além de Pedro, João*, 20, confessa ter mentido ou enganado uma mulher durante o relacionamento, mas, assim como Paulo, também ficou surpreso ao saber que isso se tratava de uma violência. "Era muito novo na época, não tinha noção de nada", conta. "Só que agora, sabendo que o que fiz foi um tipo de abuso, acho que não repetiria as mesmas coisas, a gente sempre evolui", complementa. Para ele, o mais importante é que os homens pensem se suas atitudes estão corretas. "Outro ponto é que, se o relacionamento está ruim, apenas saia dele. Nada justifica a violência, de forma alguma. Só segue em frente e deixa a mulher viver também", completa.

***Nomes fictícios para preservar as identidades dos entrevistados**

Bolsa de R$ 600 para órfãos

» AMANDA SALES

A governadora em exercício, Celina Leão (PP), anunciou que órfãos do feminicídio devem receber uma bolsa no valor de até R$ 600 até os 18 anos de idade. O anuncio foi feito, ontem, durante a palestra Mulheres em Espaço de Poder, realizada pela Defensoria Pública do Distrito Federal (DPDF) em conjunto com a Secretaria de Estado da Mulher.

Celina ressaltou que o feminicídio é um crime continuado que não finaliza com a morte da mulher e que influencia a dinâmica de toda a família. "Lançamos também um aluguel social para aquelas mulheres que não conseguem sair da violência, por conta da questão patrimonial e precisam se mudar. Dependendo da condição da mulher, (o aluguel social) irá ajudá-la a sair da situação de risco sem sofrer a violência patrimonial".

Sobre a quantidade de feminicídios registrados neste ano, das nove vítimas, quatro nunca haviam feito ocorrência alguma contra o parceiro. "Esse crime é da sociedade. Nós precisamos denunciar, é preciso perceber e avisar sobre mulheres que sofrem violência. Não é à toa que quatro dessas mulheres (vítimas de feminicídio) sequer tinham um boletim de ocorrência", disse.

"Este ano, tivemos o pior índice de feminicídio da história do Distrito Federal. Fui sacolejada naquilo que mais amo, que é a pauta das mulheres. Quando a lei existe e ela está longe da aplicação, a gente precisa perceber que o Estado precisa melhorar para salvar essas mulheres", ressalta.

A governadora também celebrou a parceria do Ministério da Mulher, da Câmara dos Deputados e do Senado para a força-tarefa do Governo do Distrito Federal (GDF), criada para propor políticas públicas voltadas à violência contra as mulheres. "O que nós estamos fazendo é dialogar, ampliar e melhorar a política pública voltada à proteção das mulheres", destaca Celina Leão. Ela explicou que a força-tarefa vai atuar de forma permanente, com a periodicidade das reuniões a ser definida.

Amanda Sales/CB/DA Press



Celina Leão: força-tarefa para buscar soluções e recursos

Liderança

A palestra, organizada para comemorar o Mês da Mulher, abordou a realidade feminina no contexto de cargos de liderança e suas problemáticas quanto aos desafios para o empoderamento. E contou com a participação da ministra do Superior Tribunal de Justiça (STJ) Laurita Vaz, da deputada distrital Dra. Jane Klébia; da comandante-geral do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF), coronel Mônica de Mesquita; da subdefensora Pública-Geral, Dominique de Paula; e da secretária da Mulher, Giselle Ferreira.

A Secretaria da Mulher aproveitou a ocasião para lançar oficialmente a campanha A Sua Denúncia Salva e exibiu dois vídeos aos presentes. "Essa campanha é para mostrar mulheres que foram vítimas. Elas estão ali, por quê? O objetivo é fazer com que a família e a sociedade fiquem atentas a esse mal do século, que é o feminicídio", comenta a secretária Giselle Ferreira.

A campanha será veiculada nas principais redes de rádio e televisão, além de mídias digital e impressa. "É importante entender que a pauta da mulher deve ser de toda a sociedade, e não só do governo. É alarmante que 70% das vítimas de feminicídio não procuraram ajuda e muitas famílias sabiam e não denunciaram. A pauta da mulher tem que sair das páginas policiais. Vamos combater esse mal através de toda a sociedade", acrescenta Giselle.

Onde pedir ajuda?

- **Polícia Militar:** 190
- **Central de Atendimento à Mulher:** 180
- **Delegacias Especiais de Atendimento à Mulher (Deam):**
  funcionamento 24 horas por dia
  Deam 1: age em todo o DF, exceto em Ceilândia
  End.: EQS 204/205, Asa Sul
  Telefones: 3207-6172 / 3207-6195 / 98362-5673
  E-mail: *deam_sa@pcdf.df.gov.br*
  Deam 2: age em Ceilândia
  End.: St. M QNM 2, Ceilândia
  Tel.: 3207-7391 / 3207-7408 / 3207-7438
- **Ministério Público do DF e Territórios (MPDFT) /Núcleo de Gênero**
  End.: Eixo Monumental, Praça do Buriti, Lote 2, Sala 144
  Tel.: 3343-6086 e 9625
  E-mail: *pro-mulher@mpdft.mp.br*
- **Secretaria da Mulher do DF**
  WhatsApp: (61) 99415-0635